



No Hospital de Ceilândia, macas instaladas em corredores atestam a inexistência de leitos para acomodar todos os pacientes

# Deficiências nivelaam Plano e satélites

Encontrar gesso nas unidades de ortopedia do Hospital de Base ou do Hospital Regional da Asa Norte é praticamente impossível. Nas duas unidades hospitalares faltam também seringas descartáveis, luvas cirúrgicas, roupas e medicamentos. Edson Oliveira, chefe da sala de gesso do Hospital de Base há 29 anos, denuncia a burocracia das firmas fornecedoras.

No ano passado era normal para a fundação optar por um material mais barato, o que levava, na maioria das vezes, à aquisição de material de pior qualidade e de menor aproveitamento. Houve, então, uma mudança de procedimento.

Agora, avalia-se a qualidade e a economia que se pode fazer com esta material. A crise no fornecimento do gesso foi causada justamente por causa desta mudança: uma das firmas fornecedoras entrou na Justiça e embargou a última licitação porque a FHDF aprovou a compra de material mais caro.

Maurício Cariello, diretor do Hospital de Base, confirma a situação caótica, informando que a atual administração da fundação já realizou 112 licitações nas últimas quatro semanas, na tentativa de normalizar os estoques. Na divisão de materiais do HDB faltam também ataduras de crepom e seringas de 5 e 3 ml. Na unidade de ortopedia só se encaminham para a sala de gesso os casos de fratura e os pacientes em pós-operatório. Na farmácia faltam vários tipos de medicamentos.

No Hospital Regional da Asa Norte a realidade não é diferente. Ontem, o diretor do HRAN, José Formiga, encaminhou à Secretaria de Saúde uma lista de nove produtos em falta. Enquanto novas roupas não são fornecidas, a lavanderia do HRAN enfrenta sobrecarga. Os lençóis, que eram lavados uma vez por dia, passaram a ser de 12 em 12 horas. A direção do hospital optou também pela restrição das cirurgias eletivas,

em que os pacientes não têm urgência para ser operados.

Procedimento semelhante foi adotado no Hospital Regional da Asa Sul. O diretor Luis Torquato preferiu adiar as cirurgias não emergenciais para evitar problemas mais sérios no atendimento materno-infantil. O HRAS realiza diariamente uma média de 25 partos, e sem alterações na rotina não poderia suprir a escassez de material. O hospital enfrenta a falta de luvas ginecológicas e principalmente de roupas para a sala de cirurgia.

Luis Torquato diz manter contato diário com o setor de fornecimento de material da Fundação Hospitalar para sanar as dificuldades. Mas até agora pouco tem sido feito por causa da burocracia colocada pelos fornecedores. O diretor do HRAS não deixa de salientar, no entanto, a disposição do secretário Milton Menezes de restabelecer os estoques da fundação.